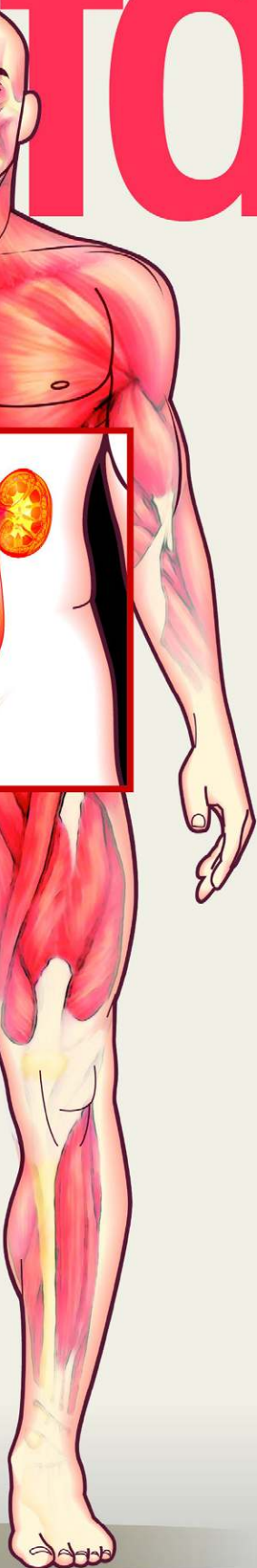


falham



IMPACTO NA ROTINA

- Na hemodiálise, os horários fixos e os deslocamentos até a clínica passam a fazer parte da rotina, além de restrições relacionadas a líquidos e alimentação. Na diálise peritoneal, o tratamento é feito diariamente e exige armazenamento de materiais, autocuidado e atenção rigorosa ao cateter.
- Também podem aparecer efeitos físicos, como fadiga, câibras, hipotensão, anemia, coceira, alterações do sono, dor e redução da capacidade funcional. Ansiedade, depressão, medo da dependência e preocupação com a morte também podem fazer parte do processo de adaptação.
- Socialmente, o tratamento pode interferir no trabalho, na renda, na sexualidade, nas relações familiares, na mobilidade e na participação comunitária. Por isso, Pimentel defende uma abordagem que envolva, além do nefrologista, profissionais de psicologia, nutrição, fisioterapia e assistência social, assim como o planejamento para transplante ou cuidados conservadores quando indicados.

DIÁLISE EM CASA

- Embora tanto a hemodiálise quanto a diálise peritoneal possam ser realizadas em casa, a segunda é a modalidade domiciliar mais estabelecida no Brasil. Na hemodiálise domiciliar, o princípio é o mesmo do tratamento feito em clínicas: o sangue passa por uma máquina e por um filtro. No Brasil, a modalidade ocorre predominantemente de forma assistida, com um profissional de saúde acompanhando o tratamento no domicílio.
- Na diálise peritoneal, depois do treinamento, o próprio paciente ou um cuidador pode realizar as trocas em casa. “Diferentemente da hemodiálise, não é necessário acessar a circulação sanguínea a cada tratamento, o que facilita a realização da terapia pelo próprio paciente ou por um cuidador”, explica Fernanda Oliveira Coelho, médica nefrologista e diretora médica regional da DaVita Tratamento Renal.

TECNOLOGIA

- Nas últimas décadas, os equipamentos utilizados na diálise passaram por mudanças significativas. Hoje, máquinas modernas monitoram parâmetros como pressão, fluxo sanguíneo, temperatura e composição do líquido de diálise, além de contar com sistemas capazes de detectar a presença de ar e possíveis perdas de sangue.
- O controle mais preciso da retirada de líquidos e da temperatura durante as sessões também pode contribuir para diminuir intercorrências, como quedas da pressão arterial. Dialisadores de alto fluxo aumentam a eficiência da remoção de determinadas toxinas. Entre os avanços mais recentes está a hemodiafiltração on-line, que combina diferentes mecanismos de remoção de toxinas.

O FUTURO DO TRATAMENTO

- Se hoje a prioridade é tornar a diálise mais segura e eficiente, os próximos anos podem trazer equipamentos menores e mais integrados à rotina. Entre as tecnologias em desenvolvimento estão sistemas portáteis e vestíveis, que buscam reduzir o tamanho dos aparelhos e dar maior liberdade ao paciente.
- Uma das possibilidades para isso é a reutilização do líquido de diálise, reduzindo a necessidade dos grandes volumes de água utilizados pelos equipamentos convencionais. Em um horizonte mais distante, estão os rins bioartificiais implantáveis, que combinam sistemas de filtração com células renais vivas para tentar reproduzir algumas funções que a diálise convencional não consegue substituir.

Palavra do especialista

A diálise domiciliar pode ampliar o acesso e dar mais autonomia ao paciente?

A diálise domiciliar pode reduzir deslocamentos frequentes até uma clínica e, dependendo da modalidade, proporcionar maior autonomia e flexibilidade ao paciente. Tanto a hemodiálise quanto a diálise peritoneal podem ser realizadas no domicílio, mas existem diferenças importantes entre elas e na forma como são oferecidas no Brasil.

Existem equipamentos ou técnicas que tornam as sessões de hemodiálise mais eficientes ou menos desgastantes para o paciente?

Hoje já existem tecnologias que buscam não apenas aumentar a eficiência da hemodiálise, mas também tornar as sessões mais seguras e mais bem toleradas. Máquinas modernas permitem controlar com maior precisão a retirada de líquidos, a temperatura e outros parâmetros durante o tratamento, o que pode ajudar a reduzir intercorrências como quedas de pressão e câibras.

Qual é o maior desafio do tratamento?

Em um tratamento crônico, como a diálise, inovação só se traduz plenamente em melhora do cuidado quando vem acompanhada de acesso. Esse é um desafio especialmente relevante em um país como o Brasil, com grandes diferenças regionais e diferentes formas de financiamento da assistência à saúde.

Fernanda Oliveira Coelho, médica nefrologista e diretora médica regional da DaVita Tratamento Renal